

# CARCINICULTURA MARINHA, UM MAR DE OPORTUNIDADES PARA O BRASIL NAVEGAR

ITAMAR ROCHA





N a recente viagem de prospecção tecnológica que empreendemos à Indonésia, Vietnã e China, incluindo a permanente busca por oportunidades de despertar o interesse do mercado Chinês para o camarão cultivado do Brasil, notadamente nas classificações de camarões pequenos e médios, inteiros (70-80; 80-100 e 100-120) ou sem cabeça (51-60; 61-70 e 71-90), foi possível constatar que na verdade, os desafios confrontados pela carcinicultura brasileira, estão diretamente associados a falta de apoio governamental, desde o aspecto dos financiamentos para a necessária estruturação setorial, notadamente no tocante a recuperação do seu sucateado parque industrial, bem como os financiamentos de novas unidades produtivas, em especial, do necessário custeio operacional e formação de estoque regulador.

Isso, tendo presente que ao analisarmos o cenário da produção mundial de camarão marinho cultivado, se tem presente, que tanto o Equador (1.450.250 t), China (954.580 t), Índia (850.000 t), Vietnã (547.000 t), Indonésia (492.000 t) Tailândia (400.000 t), Brasil (210.000 t) e México (188.560 t), estão projetando crescimento nas suas produções e exportações. Evidentemente, que o aspecto tecnológico, no tocante às importações de reprodutores SPF ou SPR, ou alternativamente, seus nauplios ou pós-larvas, que ocorre regularmente, em todos os países produtores de camarão marinho cultivado, onde o *Penaeus vannamei* ou *Penaeus monodon* não são nativos, com exceção do Brasil, tem feito a diferença, como ferramenta de compe-

titividade que vem contribuindo para esse destacado crescimento setorial.

Nesse contexto, não se pode deixar de destacar, que um dos aspectos de fundamental importância, o referido crescimento setorial, tem sido, sem dúvida, a rígida vigilância sanitária sobre os controles nas translocações desses camarões, tanto na forma de camarões vivos (reprodutores, nauplios e pós-larvas), como nas importações de produtos processados, inclusive na forma de filé ou pré-cozidos, pois na verdade, trata-se das medidas de biossegurança, da maior importância, para a sustentabilidade operacional e produtiva da carcinicultura marinha em todo o mundo.

Por outro lado, nas dezenas de visitas técnicas realizadas na Indonésia, Vietnã e China, um aspecto que chamou a atenção foi seus continuados desenvolvimentos tecnológicos e desempenhos produtivos, com empreendimentos de carcinicultura alcançando de 5 à 10 kg/m<sup>2</sup>/ciclo de cultivo, podendo realizar 3 ciclos de cultivo, com 1-2 pescas parciais / ano, iniciando com gramaturas de 15-18 g, depois com 20-25 g e finalizando com 35-40 gramas, tanto nos empreendimentos de carcinicultura intensiva visitados na Indonésia e China como, especialmente, no Vietnã.

Da mesma forma, nas fazendas de tilápia em tanques redes e de pangásios em viveiros, no delta do Rio Mekong no Vietnã (5-30 m de profundidade) e de tilápia, no Rio Yangtzé da China (20-30 m de profundidade), os níveis de produtividade são impressionantes, no caso do Vietnã, tanto para o panga (500.000 kg/há/ciclo de 10 meses), com peso médio de ►



1,1 à 1,3 kg, como para a tilápia (tanque rede de 150 m<sup>3</sup> = 6.500 kg e, tanque rede de 600 m<sup>3</sup> = 17.500 kg), em 5 meses, com peso médio de 1,0 kg.

Um aspecto que chamou a atenção, de forma recorrente nas três viagens (2005, 2023 e 2025) que realizamos ao Vietnã, foi a simplicidade e precariedade da maioria das unidades produtivas, desde panga, tilápia, camarões e lagostas, numa clara demonstração da importância dessas atividades, tanto no contexto social, como nutricional e econômico, pois tratam-se da produção

nas US\$ 400 milhões. Ou seja, não interessa ser guardião da maior biodiversidade vocacionada para a exploração e produção aquícola se não possuir as ferramentas de incentivo e de política apropriada para transformar essas vantajosas potencialidades em oportunidades de emprego, renda e produção de um alimento nobre com demanda internacional insaciável.

Se persistirem dúvidas, analisem a situação da China, maior produtora e exportadora mundial de pescado, mas que em 2024, já ocupou o 3º lugar dentre os seus maiores importa-

mia, estacionaram próximo de 38 kg/2024, sendo que a meta será chegar aos 60 kg até 2030. Ou seja, estamos falando de um mar de oportunidades, sem considerar a Índia, com uma população superior a 1,4 bilhão de habitantes, que embora consuma 16 milhões de toneladas de peixes cultivados, exporta 90 % da sua produção de camarão cultivado, mas a qualquer hora, pode seguir o exemplo da China e do Brasil, que passou de 0,2 kg/per capita de consumo de camarão em 2003, para 1,0 kg em 2024.

Por isso, como detentor de excepcionais condições naturais e infraestruturais para a exploração e produção de pescado, notadamente se queremos e não temos dúvidas que deveremos, participar do mais importante e promissor agronegócio mundial, cujos gigantes mercados importadores, tanto do camarão marinho cultivado (US\$ 30,0 bilhões/ano), como do pescado como um todo (US\$ 193 bilhões/ano), por si só, demonstram suas importâncias, tanto no contexto nutricional, social e econômico financeiro, precisaremos mudar o rumo dessa prosa.

**Eu acredito e luto diariamente, mas precisamos de efetivos apoios para que os nossos sonhos se realizem, com êxito e vida com dignidade para todos. ■**

*Itamar Rocha, Presidente ABCC, Diretor DEAGRO - FIESP, Membro Titular do CONAPE, Membro Titular da Câmara Setorial a Pesca e Aquicultura do MAPA. abccam@abccam.com.br ipr1150@gmail.com)*

## NÃO INTERESSA SER GUARDIÃO DA MAIOR BIODIVERSIDADE VOCACIONADA PARA A EXPLORAÇÃO E PRODUÇÃO AQUÍCOLA, SE NÃO POSSUIR AS FERRAMENTAS DE INCENTIVO E DE POLÍTICA APROPRIADA, PARA TRANSFORMAR ESSAS VANTAJOSAS POTENCIALIDADES, EM OPORTUNIDADES DE EMPREGO, RENDA E PRODUÇÃO

de um alimento nobre e crucial para a nutrição das suas gigantescas populações e para o fortalecimento das suas economias primárias.

Nesse contexto, merece destaque, inclusive, para uma intensa reflexão, por parte das autoridades do setor pesqueiro brasileiro, o fato de que em 1988, o Brasil produziu e exportou mais pescado do que o Vietnã, mas que em 2024, enquanto o Vietnã exportou US\$ 10 bilhões de dólares de pescado, o Brasil exportou ape-

dores, abaixo apenas dos EUA e Japão, sendo que, a despeito de ser o maior produtor de camarão extrativo, bem como o 2º maior produtor de camarão marinho cultivado, desde 2023, assumiu a liderança mundial das importações de camarão marinho cultivado.

Mas também é bom lembrar que, no ano de 1980, os chineses consumiam apenas 10 kg/per capita de pescado, passando para 20 kg em 2.000, 30 kg em 2.010, 35 kg em 2020 e, devido às dificuldades da sua econo-

